



NARRATIVAS EM SAÚDE: RESGATE DE MEMÓRIAS¹

Naiane Ronsoni Rigo², Natalia Demarco Kielek³, Elisabete Maria Zanin⁴, Miriam Salette Wilk Wisniewski⁵

¹ Projeto de Extensão desenvolvido na URI Erechim.

² Estudante de Medicina. Bolsista do Projeto de Extensão: “História, Memória e Patrimônio Cultural da Saúde em Erechim e Região Norte do RS – Narrativas Históricas: bordando a saúde com fios históricos”. E-mail: naianeronsoni@hotmail.com

³ Estudante de Medicina. Bolsista do Projeto de Extensão: “História, Memória e Patrimônio Cultural da Saúde em Erechim e Região Norte do RS – Tecendo paisagens culturais com os fios da História da Saúde. E: nataliakielek@hotmail.com

⁴ Bióloga. Doutora em Ciências. Professora Orientadora do Projeto de Extensão História, Memória e Patrimônio Cultural da Saúde em Erechim e Região Norte do RS. E-mail: emz@uricer.edu.br

⁵ Fisioterapeuta. Doutora em Ciências da Saúde. Professora Orientadora do Projetos de Extensão História, Memória e Patrimônio Cultural da Saúde em Erechim e Região Norte do RS. E-mail: msalette@uricer.edu.br

Introdução: O projeto de extensão “Narrativas Históricas – bordando a saúde com fios históricos”, nasceu da perspectiva de resgatar fragmentos históricos relacionados à História da Saúde e da Medicina em Erechim e na região Norte do Rio Grande do Sul. Por meio de relatos orais feitos por pessoas, pertencentes à área da saúde ou não, que vivenciaram ou possuem conhecimento dos primórdios dessa construção histórica, busca-se preencher as lacunas existentes e tem-se a possibilidade de difundir os conhecimentos para a população geral, além de valorizar a difusão da memória e da história imaterial. **Objetivos:** Relatar a experiência da realização de uma roda de conversa, intitulada “História da Saúde no Universo e no Metaverso”, ocorrida durante uma Feira Regional. Objetiva-se abordar os assuntos desenvolvidos pelos convidados, referentes à história da saúde no Alto Uruguai Gaúcho. **Metodologia:** Relato de experiência acerca da realização de uma roda de conversa realizada em 15 de novembro de 2022, no Salão de Inovação – Espaço Sebrae X, durante a XVII Frinape, Feira multisetorial do Alto Uruguai Gaúcho. A roda de conversa contou com a presença de quatro convidados e um mediador, foi aberta à comunidade e versou sobre a colonização de Erechim, atuação das parteiras, medicina no interior e criação do primeiro hospital no município. Por se tratar de projeto de extensão, não possui aprovação do CEP. **Resultados:** O evento atingiu um público estimado em 50 pessoas. Enori Chiaparini iniciou os relatos trazendo o contexto histórico do processo colonizador do Alto Uruguai Gaúcho. Julho de Castilhos e Borges de Medeiros, por meio do Partido Republicano Riograndense, tiveram importância na implementação do plano de colonização. Foi-se instituído que esta região seria palco de uma colonização regida pelo Estado, o qual venderia grandes lotes de terras para colonizadores vindos do continente Europeu, com o intuito de que se constituísse uma célula produtora autossuficiente, com base na mão de obra familiar. Os atores escolhidos para a ocupação dessas terras não foram os índios, os caboclos ou os negros, que já a habitavam, mas sim os imigrantes. A Comissão de Terras já existia desde 1895, coordenando esse processo e buscando os recursos humanitários necessários para a formação de uma cidade, como professores e médicos. A chegada dos imigrantes em Paiol Grande (antiga Erechim), se deu por volta de 1910. Em 1911 chegava o Sr. Atilio Azzoni; em 1912, a parteira Elisa Vacchi; e em 1917, o professor Carlos Mantovani. Vânia Maria Barboza contou que Maruza Jussara da Rocha, sua mãe, foi uma das parteiras atuantes no município de Marcelino Ramos. Aprendeu o ofício com a Nona Chappuis, parteira de idade avançada, e por acompanhá-la, não possuía diploma para partejar, apenas autorização do



médico da cidade, Dr. Frederico Laydner, que a auxiliava nos partos mais complicados e realizava cesarianas de graça. Maruza atuou na época em que o INPS estava em vigor e que somente trabalhadores com carteira assinada tinham acesso à saúde, fato incomum nesse período e na localidade citada. O partejar era um trabalho voluntário, de solidariedade e afeto, que agraciava a população em estado de vulnerabilidade. Em sua maleta, levava um frasco com álcool, alguns panos esterilizados com ferro, azeite (para umedecer os panos e fazer uma atadura no coto umbilical), linha de carretel (para amarrar o coto umbilical) e tesoura. Não importava a hora, sempre que chamada, Dona Maruza atendia as mães, formando uma verdadeira rede de apoio ao redor da família, que ia além do momento do parto, também englobava cuidados com o recém-nascido e a puérpera. O comprometimento e zelo era tanto, que muitos dos bebês nascidos por suas mãos são, hoje, seus afiliados. Osvaldo Górski, comentou que antigamente, poucos eram os médicos existentes e, mais escassos ainda, os que atendiam no interior dos municípios. Por falta de profissionais, quando necessário, a população de Carlos Gomes recorria ao Colégio das Irmãs da Sagrada Família para os primeiros socorros. As Irmãs realizavam procedimentos como suturas e aconselhavam terapêuticas a serem seguidas. Os remédios disponíveis na época também eram poucos e a medicina ainda era rodeada de crenças misticismos. Dessa forma, o conhecimento popular e os benzimentos eram muito utilizados para tratar pequenas enfermidades. Como exemplos, podem ser citados o uso do café para estancar sangramentos, a água oxigenada como agente antisséptico e cicatrizante e o toucinho de porco para remover “bernes”. Se os ferimentos fossem leves, muitas vezes o tempo era o agente curativo. Em casos mais graves, era inevitável o deslocamento até Erechim, o maior município do Alto Uruguai Gaúcho, para internações. Girgio Corradi relatou que Erechim teve seu primeiro hospital fundado em 1921, por Arcângelo Lobosco, Dr. Nino Chinaglia (médico italiano) e Mário Corradi, com o nome de Hospital Santo Antônio e localizado em frente à Viação Férrea. Este, porém, situava-se em uma casa de madeira, que foi destruída por um incêndio. Certo tempo após o ocorrido, Arcângelo Lobosco, juntamente com o Dr. Gallicchio, comprou uma nova propriedade e fundou o Hospital Santa Terezinha. Este, inicialmente, estava situado na Rua Itália, depois, mudou-se para uma casa de madeira com melhores condições sanitárias e de instalações. Alguns anos mais tarde, a empresa Madalozzo adquiriu o Hospital e passou a ser a responsável pelos investimentos. Por volta dos anos 1980, o Hospital mudou novamente de proprietário, passando a pertencer a um grupo de homens, dentre eles David Lago, que o compraram com o intuito de que seus filhos, que estavam cursando medicina, tivessem um local para trabalhar após a graduação. Em 1994 o Hospital Santa Terezinha foi vendido para a Prefeitura Municipal de Erechim, durante o mandato Antônio Dexheimer, e assim permanece até a atualidade. Apesar de todas as mudanças ocorridas, tanto relacionadas aos proprietários, quanto à localização do Hospital Santa Terezinha, Arcângelo Lobosco foi uma personalidade extremamente relevante na construção dessa história, sempre auxiliando na administração do mesmo, até o momento de sua aposentadoria definitiva. **Conclusões:** A realização de eventos como este, com a exposição de relatos e memórias históricas é de suma importância. As fontes de registros históricos não devem restringir-se apenas à forma concreta, com documentos e textos. Os relatos orais constituem-se de grande fonte de conhecimento, oriundos de indivíduos que vivenciaram ou testemunharam os fatos narrados. Rodas de conversa abertas à comunidade em geral devem ser incentivadas, pois, dessa forma, as informações não se detêm apenas ao ambiente acadêmico, podendo ser compartilhadas com a população, que experencia as consequências decorrentes dos acontecimentos passados. **Palavras-chave:** Memória Cultural; Patrimônio Histórico Imaterial; Saúde no Alto Uruguai Gaúcho. **Agradecimentos:** Aos convidados: Vânia Maria Barboza, Enori Chiaparini, Osvaldo Górski, Giorgio Corradi. Ao mediador: Henrique Trisoto, Coordenador do Arquivo Histórico Municipal de Erechim. À Fundação Regional Integrada (FURI), pelo apoio e financiamento do projeto - Programa Institucional de Bolsas de Extensão – URI Erechim.